

Editorial II

Escrevi, no livro “A Arte de Pesquisar”, que a ciência é um conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto obtidos através da observação e da experiência. Ao contrário do que muitos acreditam, a ciência não é universalmente neutra, mas produto de uma realidade particular. É um corpo de conhecimentos sistemáticos, adquiridos com um método próprio, em um determinado meio e momento. O conhecimento de ontem é negado hoje e o de hoje pode ser negado amanhã, o que faz da ciência um processo em constante criação e não uma verdade absoluta. A ciência dá soluções na medida em que levanta novos problemas. Como disse o físico Albert Einstein: “Freqüentemente, a formulação de um problema é mais essencial que sua solução”. Saber formular boas questões, indagar sobre o que o senso comum toma como verdade, fazer aparecer problemas onde existiam coisas simples... estas são as principais tarefas do pesquisador. Assim, a ciência está muito mais próxima de nossa ignorância e curiosidade do que de nossas certezas e verdades.

A característica que marca a diferença entre o cientista e o leigo é o processo de obtenção e transmissão de conhecimento. O conhecimento científico deve ser organizado, crítico, claro e submetido a uma série de controles que garantam uma maior possibilidade de ser verdadeiro. Para tanto, deve ser coerente, consistente, original e objetivo. Mais ainda, deve ser divulgado e debatido pelos outros pesquisadores, fazendo avançar e amadurecer a área de conhecimento a que pertence.

Como a ciência é um produto social, o caráter de cientificidade é atribuído pela comunidade científica. É ela quem decide as questões que são estudadas e ensinadas. É ela quem recompensa os cientistas que têm êxito, com melhores salários, cargos e publicação de seus estudos, com prestígio e reconhecimento, assim como pune os que violam as regras com o descrédito e o esquecimento de seus trabalhos.

A publicação de pesquisas e artigos científicos tem tido um papel fundamental na construção e consolidação da Fonoaudiologia como ciência, tornando-a cada vez mais respeitada por outras ciências do campo da saúde, educação, comunicação, entre tantas outras. Tarefa nada fácil em uma profissão até recentemente bastante desprestigiada ou desconhecida no campo científico. Vale lembrar a discussão, no processo de regulamentação da profissão, sobre se o fonoaudiólogo deveria ter nível universitário ou poderia ser um tecnólogo. A publicação de artigos científicos é uma necessidade e um investimento importantíssimo no reconhecimento da Fonoaudiologia como uma profissão que tem muito a contribuir para diferentes áreas do conhecimento. É uma forma de construir o “nome” e o prestígio da profissão, como diria o sociólogo Pierre Bourdieu, uma forma de adquirir e consolidar o capital simbólico e científico necessário para conquistar um espaço no disputado mundo da pesquisa e do conhecimento.

Acredito que a pesquisa científica na Fonoaudiologia vem crescendo nos últimos anos porque existem profissionais altamente qualificados, respeitados, sérios, criativos e críticos, que publicam seus artigos e discutem amplamente suas idéias, incentivando outros profissionais a pensarem e produzirem cientificamente. Profissionais que, como eu, são apaixonados pela “arte de pesquisar”. Concluo, então, com um pensamento de Roland Barthes, que tem inspirado minha maneira de ensinar, de aprender e de pesquisar:

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe: mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia – *sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”.

Mirian Goldenberg